



ENSAIO

5 *A festa do divino Espírito Santo*

(The feast of the divine Holy Spirit)
(La fiesta del divino Espíritu Santo)

*Laura de Aguiar Miranda*¹

1. Mestranda em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais – INARRA e do IMADIS – Laboratório de Pesquisa de Imagens em Disputa no Cinema e no Audiovisual – PUC-Rio. Pesquisadora voluntária no Projeto de Pesquisa Práticas do contra-arquivo: mapeamento e análise de imagens não-oficiais da ditadura militar no Brasil (1964 -1985), vinculado ao PPGCOM PUC-Rio. Assina a assistência de direção do longa-metragem *Rio, Negro* (2023), assistência de fotografia e produção de finalização do curta *Desova* (2023), a produção de finalização do curta *Juízo Final* (2023) e a fotografia still do curta *Divino Maranhão* (2023), produzidos pela Quiprocó Filmes, assina a produção da série *Consciência negra: reconhecer e reparar* (2022) para o Canal Futura e a pesquisa, direção de fotografia e montagem do curta-documentário universitário *Bréqui* (2018). Id Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8912790938468066>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3200-4905>.



Resumo – Este ensaio fotográfico resultou da observação participante acompanhando a montagem da 55^a festa do Divino do Espírito Santo, entre os dias 27 de maio e 05 de junho de 2022, na colônia maranhense no Rio de Janeiro. Ao longo deste período, a escuta e a conversa com os que realizam o ritual, permitiu constatar diferentes concepções sobre o festejo, em particular devido a distintos pontos de vista geracionais, ainda que persista o empenho em que a tradição se perpetue.

Palavras-chave: Festa do divino espírito; Maranhão; colônia maranhense no Rio de Janeiro; ritual; gerações; tradição.

Abstract – This photographic essay resulted from participant observation during the preparation of the 55th Feast of the Divine Holy Spirit, between May 27 and June 5, 2022, in the Maranhão colony in Rio de Janeiro. Throughout this period, listening to and talking with those who perform the ritual allowed us to observe different conceptions about the celebration, in particular due to different generational points of view, although the commitment to perpetuate the tradition persists.

Keywords: Feast of the Divine Holy Spirit; Maranhão; Maranhão colony in Rio de Janeiro; ritual; generations; tradition.

Resumen – Este ensayo fotográfico es el resultado de la observación participante durante la preparación de la 55.^a Fiesta del Divino Espíritu Santo, entre el 27 de mayo y el 5 de junio de 2022, en la colonia Maranhão de Río de Janeiro. A lo largo de este período, escuchar y conversar con quienes realizan el ritual nos permitió observar diferentes concepciones sobre la celebración, en particular debido a las diferentes perspectivas generacionales, aunque persiste el compromiso de perpetuar la tradición.

Palabras clave: Fiesta del Divino Espíritu Santo; Maranhão; colonia Maranhão de Río de Janeiro; ritual; generaciones; tradición.

Link de acesso ao ensaio:

https://drive.google.com/drive/folders/1k_iLk4kWehFKarCo_10oEaKhK66KzSWo?usp=drive_link



A celebração da festa do Divino Espírito Santo é um ritual Católico que teve origem em Portugal no século XIV. Iniciado pela rainha Isabel na cidade de Alenquer, o ritual rapidamente se popularizou no país, ganhando grande relevância entre as tradições portuguesas e marcando definitivamente o calendário de celebrações religiosas. No período das grandes navegações e, posteriormente, a partir do estímulo aos colonos para ocupar e se estabelecerem nas colônias, a tradicional festa foi disseminada. De acordo com a pesquisadora Maria de Fátima Sopas Rocha,

A festa do Divino pode ser resumidamente descrita como o ritual de posse de um império popular, muitas vezes representado por crianças, em que se paga uma promessa feita em devoção ao Divino, como é chamado o Espírito Santo, por meio da oferta de alimentos a todos os que participam da festa. É uma festa de gratidão, de doação, mas também, duplamente, de subversão do poder, substituído temporariamente por um império do povo e de crianças. (Rocha, s.d, p. 2225)

No Brasil, a festa ganha características singulares em algumas regiões, mas a maior parte do país segue as celebrações como um ritual típico do catolicismo popular. Determinados momentos e personagens desse ritual são considerados vitais para a celebração e são habituais em todas as festas, como a participação do Império, a abertura e o fechamento da Tribuna, o buscamiento, levantamento e derrubada do Mastro.

Este ensaio fotográfico resultou da observação participante realizada durante o período de preparação e realização do festa, entre os dias 27 de maio e 05 de junho de 2022.

A singularidade do Divino maranhense

No Maranhão, a festa do Divino Espírito Santo teve início com a chegada dos colonos açorianos que a partir do início do século XVII povoaram a região. O encontro do ritual tradicional trazido pelos colonos de Portugal com a cultura afro-brasileira, marcante na região, conferiu características únicas à celebração sob a tradição maranhense. Destaca-se a inclusão da festa no calendário religioso dos terreiros de tambor de mina – casas de culto afro-maranhenses – que realizam o festejo anualmente. Outra característica singular é a notável presença de mulheres na celebração. Elas são responsáveis por tocar um instrumento musical denominado “caixa do Divino” e, por conta disso, são referidas como “caixeiras do Divino”.



2. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Divinos encontros”, financiado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, e é fruto de uma parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a produtora Quiprocó Filmes.

LAURA DE AGUIAR MIRANDA

A festa maranhense no Rio de Janeiro

Organizada por migrantes maranhenses, a primeira realização da festa no Rio de Janeiro seguindo a tradição do Maranhão, aconteceu em 1967 no Parque da União, Zona Norte da cidade, no terreiro de mina comandado por Manoel Colaço. A data do primeiro festejo também marca a fundação da “Colônia Maranhense no Rio de Janeiro”, coletivo em que os imigrantes, seus descendentes e amigos se reúnem para manter vivas as tradições culturais e religiosas populares da sua terra natal. Desde a primeira realização, a festa acontece todos os anos e já passou por muitos espaços até se estabelecer no Clube da Associação dos Servidores Cíveis da Aeronáutica (AS-CAER), no bairro da Ilha do Governador, na década de 1990. Em 2011 foi fundada uma sede, a Casa de Maranhão, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. O local funciona como um centro de memória e de preservação da cultura maranhense.

Acompanhando a montagem da 55ª festa – Divinos encontros em imagens

Em 2022, a festa celebrada pela comunidade maranhense radicada no Rio de Janeiro comple-

tou 55 anos. Após dois anos de afastamento devido a pandemia de COVID-19, uma crise financeira e a perda de alguns dos anciãos que costumavam orientar e dar vida aos festejos, havia muita expectativa em torno da retomada das celebrações. Neste ano, o local de realização do evento também foi alterado e os três dias de festejo aconteceram no CEDIM (Conselho Estadual dos Direitos da Mulher/RJ).

Durante o acompanhamento do festejo², em meio a entrevistas e conversas informais, escutamos de um dos organizadores que a tradição estava se perdendo e que esse seria um ano chave para a continuidade da festa do Divino. Tornou-se perceptível em muitos momentos um embate entre as falas das gerações antigas e das mais novas. Dos mais velhos, escutamos falas em tom saudosista sobre o início do coletivo e dos festejos, às vezes acompanhado de alguma crítica ao modo de fazer a festa ou dúvidas se as gerações mais jovens merecem os papéis que lhes foram designados.

Na proximidade com os mais jovens, pudemos perceber uma postura mais descontraída diante dos rituais, o que gera estranheza e pode ser motivo para as dúvidas captadas nas conversas com os mais velhos. No entanto, ao escutá-los pudemos perceber



3. Nos referimos a algumas tensões que pudemos observar durante a participação no evento, como por exemplo a utilização de vestimentas não convencionais durante a participação no festejo, a postura assumida durante os diferentes momentos do ritual, o merecimento conferido a uns em detrimento de outros para desempenhar determinados papéis.

LAURA DE AGUIAR MIRANDA

um conhecimento consistente em relação à tradição e a história do ritual. Eles demonstram interesse pela conservação dos festejos, ainda que discordem da formalidade tradicional e venham desafiando os seus limites³. Apesar do embate velado entre as gerações, o que presenciamos durante os três dias de participação no evento foi a alegria dos encontros e do fazer coletivo que essa festa mobiliza.

A 55ª festa do Divino Espírito Santo

O primeiro dia da celebração tem início bem cedo com o preparo do almoço que será oferecido aos convidados do festejo e a arrumação do espaço. Juntas, as anciãs picam as cebolas, quiabos e o coentro (foto2), separam os camarões secos, enquanto conversam sobre a tradição do Caruru (foto 3), prato típico da tradição maranhense. O Caruru, o peixe frito, o arroz branco e os demais acompanhamentos são cuidadosamente preparados em grandes panelas de ferro. Enquanto isso, alguns homens se dedicam a cavar o buraco onde o Mastro do Divino será fincado e permanecerá durante os dias de festa.

O Mastro, elemento vital da celebração, está presente em todos os festejos, ele simboliza a ligação

entre a terra e o céu, entre mundo profano e mundo sagrado, entre os festeiros e o Divino. No primeiro dia do evento ele é decorado pelos participantes com frutas, vinhos, flores e doces que serão ofertados ao Espírito Santo (foto 4). Quando erguido, indica a todos os transeuntes que aquela casa está em festa. Durante a cerimônia de levantamento do Mastro, as caixeiras entoam o cântico:

*Levantamos Oliveira
Com grande satisfação
Divino subiu ao céu
Alegrando os coração*

*Sobe alto, Oliveira
Vai subindo devagar
Sobe meu Espírito Santo
Que perto de Deus vai ficar
(Pacheco; Gouveia; Abreu, s/d, p.16)*

O local da festa também é decorado com bandeiras, fitas coloridas, figuras da pomba branca (foto 11), velas etc. Seguindo Rocha



[...] os objetos simbólicos da festa são similares em todos os terreiros e coincidem com os da festa em Alcântara, que não tem vínculo evidente com terreiros: o mastro, a pomba, a coroa, o cetro, a salva, as bandeiras, as caixas, cada um com um significado específico. Nos Açores também são encontrados como símbolos a coroa, a pomba, as bandeiras (Rocha, s.d., p. 2229)

Observamos que o grande diferencial desta festa realizada pela comunidade maranhense é ser feita por mulheres, elas desempenham as funções fundamentais para a realização do festejo. Percebemos os rituais como uma tradição de mulheres, transmitida de geração para geração. Dona Antônia, caixeira régia da festa, conta que aprendeu tudo o que sabe sobre o ritual com a sua mãe e que após o seu falecimento ela assumiu a realização do festejo, responsabilidade que desempenha com muito carinho há mais de 40 anos. Durante a entrevista ela compartilhou conosco sua preocupação em relação a preservação da tradição de caixeiras em sua família. Ela, assim como sua mãe, pretende cumprir seu dever até o seu falecimento, mas se preocupa se essa tradição será mantida por Vanessa, única de suas netas que demonstrou interesse pelo toque de caixa.

As caixeiras são vitais para a realização de todas as etapas do ritual, sem elas não há festa (fotos 8 e 9). Guiadas pela caixeira régia, habitualmente a

mais velha e a mais antiga na função, elas são responsáveis por

[...] nove tipos diferentes de toques, com ritmos distintos, que a caixeira régia tem que conhecer bem e saber o momento em que devem ser tocados. São eles: (1) Toque do Espírito Santo Dobrado; (2) Toque do Espírito Santo Singelo; (3) Toque de Senhora Santana; (4) Toque do levantamento e da derrubada do mastro – (de Nossa Senhora da Guia); (5) Toque do hino da Missa; (6) Toque da Alvorada, que continua com o da Alvoradinha; (7) Toque da dança das caixeiras; (8) Toques de rezas e de ladainha nas caixas; (9) Toque do fechamento da tribuna, com o Bendito de Hortelã (Ferretti, 2005, p. 02).

Além das responsabilidades já mencionadas, como o preparo dos alimentos a serem oferecidos aos convidados e os toques de caixa, as mulheres também estão muito presentes na orientação das cerimônias de abertura e fechamento da Tribuna, no momento de coroação do Império e na cerimônia de derrubada do Mastro. Elas coordenam quase todas as etapas desse grande ritual.

O vínculo com a cultura afro-brasileira, fruto da tradição maranhense, marca muitos momentos do festejo. Dona Vitorinha, a rezadeira, nos conta que há alguns poucos anos a Companhia Mariocas, outro coletivo de cultura maranhense, “assumiu a



4. Apresentamos um ensaio fotográfico intitulado “Interferir, celebrar - encontros com o Divino”, no qual compartilhamos a cerimônia de derrubada do Mastro. O ensaio foi exposto na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul e está disponível no site do Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais. Ver em: <<https://www.inarra.com.br/ensaios-fotograficos?lightbox=dataItem-lw7zb3nq>>. Acesso em: 30 de mar. de 2025.

LAURA DE AGUIAR MIRANDA

parte profana da festa”. Responsáveis pelo tambor de mina, o coletivo incorporou aos festejos outros elementos da cultura afro-brasileira como o Bumba meu Boi e o Jongo, portando vestimentas muito coloridas, com brilhos e franjas, tocam o atabaque, pandeiro, berimbau, agogo, caxixi, reco-reco, a cuíca, cantam e dançam (fotos 5, 6 e 7). Esses instrumentos também são típicos da capoeira, outra tradição afro-brasileira que configura os rituais. Observamos que a “parte profana da festa”, como se refere Dona Vitorinha, compreende diferentes elementos da cultura nacional, como as miçangas multicoloridas e penas nos adereços, o chapéu nordestino, os jogos, instrumentos e cânticos afro, músicas da música popular brasileira, trajes carnavalescos etc.

A cerimônia de derrubada do Mastro marca a finalização da festa do Divino Espírito Santo. Neste momento do ritual, cada participante presente pode endereçar três pedidos ao Divino e a cada pedido deve dar uma machadada no Mastro, simbolizando a sua derrubada. Consideramos este um momento clímax porquê de alguma maneira, embora esteja no coletivo, construindo um comum, existe um momento individual, podendo cada um/a endereçar pedidos pessoais ao Divino⁴. Os participantes, reunidos, seguram velas (foto 10), acompanham o

toque de caixa e o canto da ladainha (foto 9) entoado pelas caixeiras do Divino:

*Se eu pudesse, Oliveira,
Tu não ias para o chão
Mas tu vais ficar guardado
Dentro do meu coração*

(Pacheco; Gouveia; Abreu, s.d, p. 21)

Com a derrubada do Mastro, os participantes da cerimônia se aproximam para recolher os presentes amarrados a ele no primeiro dia dos festejos, que o adornavam e que foram ofertados ao Divino. Seguindo a crença, ao consumir esses alimentos e enfeitar sua casa com as flores, o participante recebe as bênçãos do Divino Espírito Santo.

A última cerimônia solene acontece na Tribuna, onde a caixeira-régia realiza o repasse das posses reais. Seguindo as suas orientações, os integrantes do Império descem da Tribuna, têm suas insígnias retiradas e estas são entregues àquele que exercerá essa função no ano seguinte. Os integrantes do Império, assumindo suas novas insígnias e a responsabilidade pela nova função, são saudados pelos demais participantes da festa. Encerrado este momento solene, as caixeiras realizam o fechamento da Tribuna, quando



todos se despedem e os objetos da festa são guardados para o ano seguinte.

Considerações finais

Na escolha das fotografias que compõem este ensaio fotográfico buscamos focalizar aspectos afetivos na preparação e celebração sempre coletivas da festa do Divino Espírito Santo, características marcantes da realização pela Casa de Maranhão no Rio de Janeiro. Consideramos que apesar da insubordinação das gerações mais jovens e da preocupação dos anciãos quanto à tradição, o coletivo tem encontrado modos de fazer a festa acontecer e garantir a preservação da memória tradicional maranhense e afro-brasileira. Destacamos que a festa do Divino Espírito Santo é uma experiência de pertencimento a contrapelo do apagamento na colonialidade.



Referências

FERRETTI, S. **Festa do divino no Maranhão**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN/MEC, 2005.

MIRANDA, L. **Inter-ferir, celebrar – encontros com o Divino**. Disponível em: <<https://www.inarra.com.br/ensaios-fotograficos?lightbox=dataItem-lw7zb3nq>>. Acesso em: 30 de mar. de 2025.

PACHECO, G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. **Caixeiras do divino espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Disponível em: <<https://blogmanamani.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/07/caixeiras-do-divino-espc3adrito-santo-de-sc3a3o-luc3ads-do-maranhc3a3o.pdf>>. Acesso em: 31 de mar. de 2025.

ROCHA, M. **A festa do divino Espírito Santo no Maranhão: uma proposta de glossário**. 163 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza, 2008.

ROCHA, M. **O Divino, o Império, a Festa, as Insígnias: elementos do glossário da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão**. RJ: s/d.

